

Entrevista a Luísa Branco, presidente do Departamento de Psicologia e Educação "A formação cívica deve ser feita em todas as disciplinas"

Os primeiros licenciados em Psicologia pela UBI vão agora entrar no mercado de trabalho. Em entrevista ao *Urbi*, a presidente de Departamento de Psicologia e Educação (DPE) fala das expectativas e dos projectos desta licenciatura. Luísa Branco aborda também algumas das suas investigações e lembra o "importante papel da educação cívica em todas as áreas".

Catarina Rodrigues e Eduardo Alves

Urbi – Como presidente do DPE, que balanço faz da licenciatura em Psicologia que é uma das mais recentes na UBI?

Luísa Branco – Um balanço muito positivo. Neste momento temos os três ramos do curso a funcionar, Psicologia Clínica e da Saúde, Escolar e da Educação, e vai ter agora início o ramo da Psicologia das Organizações, ainda que com algum atraso, uma vez que só agora foram criadas condições para isso. Devido ao Processo de Bolonha, estamos a iniciar a reestruturação do curso. Neste momento, os primeiros finalistas estão a estagiar em instituições da região, onde têm tido uma boa aceitação. Embora ainda não existam resultados dos estágios, penso que estão a decorrer bem.

U – Foi difícil encontrar estágio para estes primeiros finalistas?

L.B. – Não tivemos dificuldade em encontrar estágios para os alunos, o que é um bom sinal e também uma evidência de que existe necessidade do trabalho destes profissionais. É de realçar que a comunidade os acolheu muito bem.

U – Uma vez mais, o curso de Psicologia preencheu a totalidade das vagas com uma boa média. No seu entender, a que se deve esta procura?

L.B. – O curso tem preenchido sempre a totalidade das vagas e temos também muitas transferências de alunos e muita procura, o que leva os professores a estarem assobrados de trabalho. A equipa de docentes é bastante jovem, o Departamento é constituído por 14 docentes, só quatro são doutorados e eu não sou psicóloga. Penso que as pessoas se sentem fascinadas por compreender o comportamento humano.

U – Há o risco do mercado de trabalho ficar saturado?

L.B. – O mercado não está saturado e eu julgo que os psicólogos têm lugar na sociedade. Pena que não seja criada a figura e o lugar do psicólogo nas instituições, nas escolas, nas empresas. Veja-se o exemplo do Centro de Área Educativa (CAE) da Guarda, que nos contactou no sentido de solicitar algum apoio do Departamento, uma vez que eles têm um psicólogo para um largo número de alunos, não diria com necessidades educativas especiais, mas em todo o caso com dificuldades. Era, portanto, perfeitamente natural que existissem mais psicólogos ligados ao sistema de Ensino e não há. Toda a gente sabe que isso é necessário, até porque temos uma escola de massas onde chegam pessoas com todo o tipo de problemas e situações complexas e difi-



"Os psicólogos têm lugar na sociedade e nas instituições"

ceis. Apesar de haver todo este fascínio pelo comportamento humano, o acompanhamento psicológico parece ainda não ser considerado uma necessidade básica, para que as pessoas tenham qualidade de vida e uma boa saúde mental.

U – Que projectos e investigações destacaria no DPE?

L.B. – Temos várias iniciativas que acho serem importantes. Está já em fase de criação o Núcleo de Estudos e Intervenção em Psicologia (NEIP), que vai funcionar na Biblioteca Central, a título provisório. O objectivo deste núcleo passa, em primeiro lugar, por dar apoio à comunidade estudantil da UBI, através de consultas e outros apoios. Numa fase posterior, a ideia é também prestar os mesmos serviços à comunidade envolvente.

Outra das acções do Departamento passa pela criação, em parceria com a Câmara Municipal, do Núcleo de Apoio Psicológico e Comunitário da Covilhã. Este resulta da evolução do Centro de Apoio Comunitário, que não tinha instalações e que está a cargo do Professor Henrique Pereira. Este projecto reveste-se de características inovadoras uma vez que está baseado na psicologia comunitária, algo bastante corrente nos países anglo-saxónicos, mas que em Portugal não está muito divulgado. De resto, e faço aqui um parêntese, um dos aspectos inovadores do curso de Psicologia da UBI é precisamente a incidência dada à psicologia cognitiva e à psicologia comunitária. Estes projectos vão entrar em funcionamento dentro em breve.

U – A sua tese de doutoramento debruçou-se sobre "A Escola – Comunidade Educativa e Formação de Novos Cidadãos" onde defende o investimento na educação cívica, mas ainda assim não considera necessário uma disciplina específica nesta área, porquê?

L.B. – No nosso Ensino, estamos sempre a disciplinarizar tudo. Uma

forma de nos desculparmos para não fazer as coisas. Ainda há bem pouco tempo estive numa escola, no âmbito de uma formação, onde me foi dito que a Área de Projecto vai terminar sem ser avaliada, o que me parece lamentável apesar de nunca ter sido a favor da criação da Área de Projecto. E isto pelo facto de, no fundo, não ser mais do que a aplicação de uma metodologia que pode e deveria ser empregue em qualquer área ou disciplina. Quanto à Formação Cívica, enquanto área curricular não-disciplinar, admito que possa ter algumas vantagens, mas não é a melhor maneira de fazer educação cívica. Esta deve ser feita em todas as disciplinas e mediante a própria organização da escola. Deve também existir uma sensibilização e responsabilização de todos os professores para esse tema.

U – Educação cívica que ainda não é implementada nas disciplinas?

L.B. – Alguns docentes até implementam essa matéria, mas é tudo muito superficial e baseado na vontade própria de cada um. Veja-se o exemplo da Língua Portuguesa e da Filosofia, que têm excelentes potencialidades para fazer educação cívica, mas cujos professores não têm qualquer tipo de formação nessa área. Nem sequer no currículo de formação de professores isso é abordado, de modo consistente.

U – Defende também a "escola cultural" abandonada pelo actual sistema de Ensino. Podia esclarecer essa ideia?

L.B. – Trata-se de um projecto muito interessante, que surgiu associado à elaboração da (ainda) actual Lei de Bases. Segundo esta concepção, a escola deve ser uma escola plenamente axiológica, isto é promover todos os valores do ser humano. Em termos organizacionais, para além da existência de um núcleo de disciplinas, a escola cultural consagra a existência de clubes, clubes esses que aparecem contemplados, inclusi-

vé, no horário dos docentes. Estes clubes, ao contrário das actuais áreas curriculares não disciplinares, são de frequência livre, permitindo aos alunos desenvolver as suas vocações e interesses e, nalguns casos, aceder a tipos de saberes menos valorizados pelos currículos tradicionais.

A escola cultural considera que não há, na escola actual, um espaço onde os alunos possam efectivamente realizar-se, dado estarem sujeitos a um currículo imposto. Os clubes, partindo da iniciativa dos professores e dos alunos, permitem aos estudantes desenvolver as suas vocações e apropriar-se dos saberes de um modo mais lúdico. É evidente que hoje ainda há alguns clubes nas escolas, mas a maioria a funcionar em situações complicadas e fruto da boa vontade e empenho dos professores e alunos.

U – Conceitos como formação cívica, democracia, participação e cidadania devem, em seu entender, estar intimamente ligados. Mas ao que parece não estão e vence o facilitismo e a individualidade. Que comentários faz a esta situação?

L.B. – Ao nível da Universidade, por exemplo, fico, por vezes, chocado com o facto dos alunos, e não só, reivindicarem sobretudo coisas que têm apenas a ver com os "problemazinhos" deles. Não me parece que haja uma consciência cívica desenvolvida, nem que estejamos a formar pessoas para uma vida democrática no sentido pleno. Embora tudo isto não dependa apenas da Escola e da Universidade, não há dúvida que estas instituições têm de desempenhar um papel essencial. Penso também que estamos a entrar num regime de facilitismo e até a menorizar os alunos.

U – Acha que a Educação está hoje mais virada para as novas tecnologias e esquece estes conceitos fundamentais?

L.B. – Em Portugal acaba por se cair muito em questões técnicas. A formação de professores é muito técnica. Existe a tendência para se cair num conjunto de receitas e modas, muito dominadas pela Psicologia, o que não quer dizer que isso seja mau, até porque esta é uma das grandes ciências da educação, mas existem outras vertentes que devem ser contempladas. É necessário formar a consciência crítica dos futuros docentes, sensibilizando-os para os conhecimentos oriundos das diversas ciências sociais e da filosofia. No fundo é fundamental ter consciência de que a Educação é um domínio do conhecimento transdisciplinar.

perfil



Maria Luísa Frazão Rodrigues Branco nasceu em Sines. "Os meus pais estavam de férias e eu estraguei-as", recorda com humor. Viveu até aos 28 anos no Barreiro. "Esta cidade não me traz muitas recordações", confessa. Licenciada em Filosofia pela Universidade Católica de Lisboa, acaba também por realizar, nessa mesma instituição, um mestrado em Ciências da Educação. O doutoramento na área da Educação foi feito na UBI. É autora de vários artigos científicos na área da Educação Cívica e Política.

A passagem da Filosofia para a Educação justifica-se pelo "gosto crescente que fui sentindo por esta última", diz. Luísa Branco adianta que hoje se sente "uma pessoa da Educação e não da Filosofia". Para esta investigadora e docente, "a Educação pode mudar a vida das pessoas, não no sentido das grandes mudanças, mas em todo o caso de diferenças significativas".

Na UBI desde 1997, começou como assistente da Secção Autónoma de Ciências da Educação. "Nessa altura ainda não possuíamos uma licenciatura, limitando-nos a prestar apoio aos cursos de licenciatura Ensino", recorda. No ano passado assumiu a presidência do Departamento de Psicologia e Educação da UBI. As principais medidas neste cargo passam agora por preparar a reestruturação da licenciatura, o que "já está a ser feito" e também "pela continuação no apoio a outros cursos da UBI (nomeadamente na organização do 2º ciclo dos cursos de Ensino) e pela ligação às instituições exteriores à Universidade", refere. Numa altura em que já estão em estágio curricular os primeiros finalistas do curso de Psicologia, Luísa Branco espera que, no futuro, estes profissionais "prestigiem a UBI e sejam bons psicólogos". O Departamento "tem mantido ligações a diversas instituições, nomeadamente escolas, municípios e hospitais", salienta a docente ao falar na importância da ligação entre o saber universitário e a comunidade.

Como grande *hobbie*, Luísa Branco tem a leitura, "sobretudo, literatura estrangeira". De entre os títulos que mais a marcaram até hoje, Luísa Branco destaca "O Estrangeiro", de Albert Camus, "Diário de um Pároco de Aldeia" de Georges Bernanos e "Anna Karenina" de Leo Tolstói, o seu autor preferido. Nos tempos livres gosta de ir ao ginásio e passear.